

CURAS E MILAGRES: O RECONHECIMENTO DE JOSÉ GABRIEL DA COSTA COMO MESTRE SUPERIOR

Por Afrânio Patrocínio de Andrade¹

RESUMO

Este artigo é resultado de pesquisa de campo que realizamos atentamente ao longo de vinte anos. Nesta pesquisa, o procedimento adotado foi a observação dos temas tratados exclusivamente em sessão de escala da União do Vegetal (UDV),² seguido de entrevistas formais e informais com pessoas que, direta ou indiretamente, participaram das narrativas coletadas. Trata-se de uma pesquisa participativa na medida em que o pesquisador, na condição de integrante da comunidade religiosa, evitou deliberadamente emitir sua opinião sobre as narrativas coletadas, selecionando os conteúdos de potencial interesse para aqueles que, de alguma forma, acreditam no que lhes é transmitido.

Em síntese, o texto trata do Mestre e de narrativas de acontecimentos que podem, de alguma forma, indicar sua condição de Mestre³ superior.⁴ Para tanto, são coletados testemunhos que sinalizam nessa direção, entre os quais, relatos de curas e, inclusive, da ressurreição de uma pessoa.

Palavras-chave: União do Vegetal, Hoasca, José Gabriel da Costa, Cura, Narrativas.

¹ Sócio da União do Vegetal (UDV), desde 1986, bacharel em Teologia, com especialização em exegese e semiótica; bacharel em Direito, com especialização em Direito Civil, advogado; mestre em Sociologia da Religião; doutor em Ciências da Religião e doutor em Direito Internacional.

² As sessões de escala são realizadas nos primeiros e terceiros sábados de cada mês, com início às vinte horas e encerramento à zero hora e quinze minutos, conforme consta de seu Regimento Interno, lido em cada uma destas ocasiões.

³ Doravante, a palavra Mestre, grafada em maiúscula se refere ao Mestre Gabriel, isto é, José Gabriel da Costa, fundador da UDV em 22 de julho de 1961 nos seringais da Bolívia; em minúscula, refere-se àqueles que, na condição de seus discípulos, alcançaram o mais alto grau na hierarquia do segmento religioso.

⁴ A palavra superior é utilizada, neste artigo, para explicitar a superioridade do Mestre, isto é, para indicar que não se trata de uma pessoa comum e sim de alguém que, de acordo com o reconhecimento dos adeptos, veio em missão especial à terra. Esta missão especial consistiu em "plantar a UDV na terra." Nas palavras do próprio Mestre, ele seria "uma centelha do poder" divino. Portanto, o termo "superior" não é empregado neste artigo para comparar o Mestre com outros fundadores de segmentos religiosos, como Raimundo Irineu Serra (fundador do Santo Daime) ou Daniel Pereira de Mattos (fundador das Barquinhas), por exemplo.

I - INTRODUÇÃO

Tomamos a iniciativa de fazer uma breve descrição de alguns acontecimentos atribuídos ao Mestre Gabriel os quais o apontam como Mestre superior, sendo esta a razão do título escolhido.

Verifica-se que, entre nós, muitos pesquisadores se ocupam com o fenômeno do chá. Nele vislumbraram, sem dúvida, um conteúdo que ultrapassa o aqui e agora e nos remete para um significado transcendente capaz de transformar ou resgatar vidas.⁵ Além disto, tem-se afirmado ser o chá capaz de curar enfermidades da alma.⁶

Parece existir uma relação entre institucionalização da UDV e diminuição das narrativas de cura. Se, no começo, as pessoas procuravam o Mestre por causa da cura, hoje tal prática não mais se verifica. O mestre Manoel Nogueira, que foi mestre geral representante da UDV, narrou que sua aproximação do Mestre se deu exatamente porque acompanhava uma mulher que estava em busca da cura.⁷

Na UDV geralmente não se dá atenção para a cura do corpo e sim do espírito. Neste texto, coletamos dados históricos inéditos que mostram que o Mestre Gabriel fazia curas, com ou sem vegetal. Entre tantos benefícios, sem dúvida, o chá pode levar quem o experimenta a afirmar, a partir de sua experiência pessoal, que essa bebida sagrada é benéfica à saúde.

No Regimento Interno da União do Vegetal afirma-se, que o chá Hoasca é "comprovadamente inofensivo à saúde". Em atenção a essa afirmação, o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal mantém um canal permanente de relacionamento com a comunidade científica, que é o Departamento Médico-Científico (Demec). De nossa parte, ousamos utilizar a expressão "benéfica à saúde" pela seguinte razão: o termo inofensivo foi utilizado em um contexto de repressão ao uso da bebida. Na época os adeptos da bebida chegaram a ser perseguidos pela polícia. Foi assim que foi preso em Jaru (RO) o senhor José Rodrigues Sobrinho e, mais tarde, em Porto Velho (RO), o

⁵ Temos para nós que a mais ampla bibliografia a este respeito acha-se em LABATE, Beatriz Caiuby et alii. *Religiões Ayahuasqueiras: um balanço bibliográfico*. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, 2008.

⁶ O mestre José Luís de Oliveira conta que, ao chegar na olaria do Mestre, para buscar tijolos para a empresa em que trabalhava, viu o chá sendo preparado e perguntou ao Mestre para que servia aquele chá e obteve a seguinte resposta: "esse chá é remédio para o espírito".

⁷ Veja detalhes em: FABIANO, Rui (Editor). *Mestre Manoel e as raízes da União*. In: **Alto Falante**. Brasília, Centro de Memória e Documentação, novembro/dezembro/94-janeiro/95.

próprio Mestre Gabriel. A explicação parece simples: o chá era desconhecido na sociedade em geral, o que causou reação por parte de algumas das autoridades civis e religiosas. Conforme mencionamos em nossa dissertação de mestrado:

De uma hora para a outra, no meio de todo um êxodo que interliga a floresta com a cidade, sai um seringueiro falando de Deus, explicando os mistérios profundos da existência e, mais que isto, doutrinando centenas de pessoas, com uma casebre lotada de seguidores. O delegado foi consultado mas, para surpresa geral, não pôde enquadrar o homem nos seus códigos, que jamais proibiram a distribuição do tal chá, uma novidade também para a lei. As “autoridades eclesiásticas” também chegaram a ser consultadas, mas afinal de contas, o que elas teriam contra um adepto da “sempre virgem Maria Santíssima” e do “nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”?⁸

Vê-se, por este contexto histórico, que a presença do chá no meio urbano causou impacto e necessidade de explicação. Veio daí a necessidade de se utilizar o termo inofensivo. Afinal de contas, aquele chá então desconhecido no meio urbano poderia, em tese, ser prejudicial ou ofensivo à saúde. Trata-se de um termo em certo sentido tímido e útil para o contexto em que foi empregado. Hoje, quatro décadas depois daqueles acontecimentos, num contexto de larga experiência comunitária do chá em diversos centros urbanos, inclusive em países de primeiro mundo, a própria prática tem demonstrado que o chá não é somente inofensivo. Mais que isto, ele é benéfico.

"Inofensivo" significa que não fazer mal para a saúde em geral. Por outro lado, "benéfico" significa, afirmativamente, que faz bem. Em poucas palavras, a experiência comunitária urbana com esse chá ao longo de décadas, sempre de forma positiva, nos autoriza a deduzir que o chá não é somente inofensivo à saúde: ele é, positivamente, benéfico à saúde. Ora, ninguém bebe um chá somente porque ele é inofensivo, mas, principalmente, porque ele é, de alguma forma, benéfico.

Além de estudar o chá, muitos seguidores têm se dedicado a falar do Mestre que trouxe esse chá como um veículo capaz de proporcionar concentração mental e, neste estado, elevar o espírito para um momento especial e, nele, transmitir os seus ensinamentos. Cabe-nos, neste artigo, a tarefa específica de descrever, em forma resumida, o que, em nosso entender, proporcionou e proporciona o seu reconhecimento como o Mestre superior.

⁸ ANDRADE, Afrânio Patrocínio de. O Fenômeno do Chá e a Religiosidade Cabocla (...). Disponível em: http://www.neip.info/downloads/afranio/afranio_01.pdf.

Para tanto, não nos limitamos apenas à dimensão da concentração, da fé⁹ religiosa e da devoção, avançando para a dimensão da cura: uma dimensão ainda não abordada em profundidade em nenhum outro trabalho e que tem a ver com o seu reconhecimento como Mestre superior.

⁹ A palavra fé não é de uso corrente no grupo. Entretanto, segundo o Mestre contou na História da Hoasca, sem a fé seria impossível a existência do próprio chá. Com efeito, foi pela fé de que a planta era Hoasca que o rei Inca ficou cuidando de sua sepultura, até que nela nasceu a árvore da qual se faz o chá hoje em dia. Portanto, a fé é um elemento importantíssimo na fundamentação mítica do segmento religioso.

II - O MESTRE SUPERIOR

Visando alcançar o objetivo aqui proposto, valemo-nos de parte dos depoimentos que colhemos ao longo de anos de pesquisa de campo.¹⁰ Iniciemos pelo senhor Getúlio Gabriel da Costa, primogênito do Mestre Gabriel, que narra o que presenciou por ocasião do encontro do Mestre com os chamados mestres de curiosidade, quando esteve na então vila de Plácido de Castro (AC).

Diz-nos ele que, estando o seu pai com sua família morando no seringal denominado Guarapari, que fica em território boliviano, Getúlio se machucou no dia 6 de agosto de 1960, isto é, um ano, quatro meses e cinco dias depois que o Mestre se reencontrou com o vegetal. No dia 16 de novembro daquele ano Getúlio acordou de manhã com dores no lado direito na altura do abdômen. Era um tumor que obrigou o pai a levá-lo para tratamento em Rio Branco. Partiram no final de dezembro e de lá voltaram em janeiro de 1961, depois de mais ou menos um mês.

A viagem do seringal a Plácido de Castro (AC) foi feita de barco e durou cerca de três horas. Assim que o barco em que viajava aportou, o Mestre e o Getúlio viram descer o barranco do rio doze homens, cuja maioria dos nomes Getúlio mencionou.¹¹ Os doze dirigiram-se ao Mestre e um deles, de nome Medeiro, perguntou: “o nome do senhor é José Gabriel da Costa?” Tendo o Mestre respondido afirmativamente, acrescentou-lhe: “Por que [pergunta pelo meu nome]?” A esta pergunta respondeu: “Porque ontem à noite estávamos no efeito do daime¹² e vimos o senhor e foi-nos informado seu nome. Foi-nos dito que o senhor é mestre e que viria hoje ao nosso encontro. Por isto viemos aqui esperá-lo.” Dito isto, desceram o barranco para pegar a mala do Mestre. E acrescentaram: “Já está tudo pronto, inclusive a pensão já está reservada para o senhor”. Disseram, ainda: “o daime já está preparado para a sessão.” Foi então que o Mestre informou que não poderiam ficar lá aquele dia porque tinha necessidade de

¹⁰ As entrevistas que servem de base para este texto foram feitas com as seguintes pessoas, em épocas diversas: a) mestre Pernambuco, em 1991; b) mestre José Rodrigues Sobrinho, em 1998 e 1999; c) mestre Carmiro Gabriel da Costa, coleta de depoimentos em sessão e entrevista em 2008; d) Getúlio Gabriel da Costa, em 2007 e 2008; e) Sr. Dezuite, em 2007, f) senhora Maria (ex-esposa do mestre Bacurau), em 1998 e 2001 e g) mestre João Seixas, em 1987, 1989 e 1991, entre outros.

¹¹ Entre tais, mencionou os seguintes nomes e apelidos: Chicão, Meia-noite, Medeiro, Mário, Dezuite, Joaquim e Daniel.

¹² Esta expressão “no efeito do daime” ainda é utilizada até hoje por seguidores do Santo Daime. Na UDV usa-se a expressão “estar de burracheira” com o mesmo significado.

levar o Getúlio para tratamento médico. Depois de muito insistir, deixaram-no ir. E pediram para ele que dirigisse uma sessão para eles, quando voltasse do hospital.

O Getúlio narra detalhes da viagem feita de caminhão até Rio Branco e os diálogos mantidos pelo Mestre com as enfermeiras. A primeira contatada se chamada Porcina e a segunda, que ficou encarregada de cuidar do menino, era conhecida por Mariazinha. O médico que cuidou dele se chamava Augusto. Narra ainda sua hospitalização, a recuperação e a volta para Plácido de Castro. Inclui, aí, a informação de que o Mestre comentou com ele que pretendia voltar por outro caminho. Com este objetivo, mandou veicular um aviso no rádio chamando determinado barqueiro de nome Amorim para levá-lo diretamente para casa, sem passar pela vila de Plácido de Castro.

No entanto, nenhum barqueiro ouviu o aviso via rádio e o Mestre viu aí um sinal de que era para voltar pelo mesmo caminho pelo qual viera. Assim, o Mestre voltou a Plácido de Castro, oportunidade que sugeriu que a sessão fosse realizada no dia 6 de janeiro, dia em que se comemoram a “Festa de Reis.” Nesse dia dirigiu a sessão na qual ele foi aclamado como Mestre superior.¹³ Portanto, o reconhecimento do Mestre superior foi feito primeiramente na luz do vegetal,¹⁴ pelos próprios mestres de curiosidade e, depois, na presença do Mestre, quando da realização da sessão, amplamente divulgada na União do Vegetal.

É interessante observar que outros depoimentos também tratam de encontros com pessoas que se achavam distantes, o que confirma a afirmativa de os mestres de curiosidade terem se encontrado com o Mestre superior na luz do vegetal. Vejamos um depoimento a respeito deste assunto, isto é, narrando experiências à luz do vegetal, feito pela dona Maria, ex-esposa do mestre Bacurau, a qual vive em Ji-Paraná (RO).

Narrou-nos ela que iniciou a namorar com o Bacurau com cerca de quatorze anos de idade. Ele já bebia o vegetal com o Mestre e falava para a mãe dela sobre o chá misterioso, contando que, com o chá, “a gente pode visitar parentes que vivem longe”. A mãe dela há tempos queria saber notícias de um de seus próprios tios do qual não sabia nem se estava vivo, muito menos qual o seu paradeiro. Quis ela, então, conhecer o vegetal. O Bacurau fez uma sessão, com autorização do Mestre, e, na sessão, aquela

¹³ Narra o Getúlio que um dos doze, de nome Dezuíte, que era dentista e ainda vive em Porto Velho e foi por nós entrevistado, tinha um trabalho para fazer e ficou cuidando do menino durante a sessão.

¹⁴ Isto é, sob o efeito da Hoasca, na época conhecido como chá misterioso.

que veio a ser sua sogra se deslocou espiritualmente do seringal até Porto Velho onde se dirigiu até certo estabelecimento de nome Café Santos. Viu o tio dela em uma porta do estabelecimento, trabalhando. Dias depois entrou em contato pessoalmente com ele, localizado através da burracheira.

Facilmente se depreende dessas narrativas algo que não tem sido trabalhado com freqüência nas muitas sessões de que participamos ao longo de anos, a saber: que existe no vegetal um poder de deslocamento no plano espiritual por aquele que o ingere, em determinada situação. Além disto, existe um aspecto que não foi tratado em nenhuma das muitas sessões que freqüentamos ao longo de dezoito anos, a saber: de acordo com o merecimento da pessoa, existe no chá o poder de adivinhar o futuro. De fato, aqueles mestres, em concentração na noite anterior, viram, na luz do chá, o Mestre superior em visita, e foram ao seu encontro. Trata-se, no caso, de uma visão de algo que iria acontecer no outro dia, portanto, no futuro próximo.

Passado o tempo, o Mestre contou a “História da Hoasca”, narrando que se tratava da história de uma mulher misteriosa que adivinhava o futuro. Onde estava o mistério do poder de Hoasca? Da história narrada se infere que estava no fato de ser capaz de adivinhar o futuro, podendo, assim, aconselhar o rei Inca sobre o que deveria fazer para ser vitorioso. E foi com esse poder, recebido de Salomão, como contou na mencionada história da Hoasca, que o Mestre pôde afirmar, posteriormente, que via cem anos à sua frente.

Neste mesmo sentido, colhemos outro depoimento, desta feita do mestre José Rodrigues Sobrinho. Ele nos conta que o Mestre informou a ele, no primeiro encontro que tiveram em Jaru (RO), que ambos seriam presos. E disse que o mencionado discípulo seria preso primeiro que o Mestre. Informou, ainda, quando isso se daria, apontando anos, meses, dias, horas e minutos. O discípulo perguntou a ele por que mencionar os minutos e ele respondeu que estava recebendo aquela informação do alto. Acrescentou o senhor José Rodrigues Sobrinho que, depois de dois anos, quatro meses e oito dias, quando os policiais chegaram para prendê-lo, um deles, de nome Nogueira, perguntou as horas para o outro. Nesse momento, o discípulo se lembrou do aviso do Mestre e, fazendo as contas deu exatamente no momento da prisão.

O Mestre, por seu turno, em seu poder espiritual, não estava limitado ao Vegetal. Segundo os muitos depoimentos que coletamos, ele, mesmo no tempo em que trabalhava

com a Umbanda¹⁵, já era detentor do conhecimento das coisas espirituais. Segundo depoimento do mesmo mestre Pernambuco,¹⁶ o Mestre teria dito que estava procurando um jeito de trazer os seus ensinamentos mas não fazia isto na Umbanda porque lá as pessoas já se consideravam “muito sabidas”. Observa-se, do conteúdo exposto a seguir, que ele fez curas e, para tal, não utilizou o vegetal. Trata-se, pois, do Mestre superior que utilizou o vegetal “para efeito de concentração mental”. Mas quem necessita de concentração mental? Sem dúvida são os discípulos, pois o Mestre sempre esteve em seu lugar, sendo ele a própria burracheira, como afirmou na mencionada História da Hoasca.

O mestre Carmiro Gabriel da Costa, filho do Mestre Gabriel, conta que, por várias tardes teve a oportunidade de ouvir o Mestre conversar com os que freqüentavam sua casa e repete o conteúdo que ouviu. Em outras ocasiões, narra acontecimentos que presenciou. Entre estes, mencionamos o seguinte:¹⁷ Carmiro, então adolescente, estava ouvindo rádio num domingo à tarde em Porto Velho, momento em que estava sendo transmitido um jogo do Ferroviário Esporte Clube com o Moto Clube de Porto Velho. O campo ficava próximo do aeroclube na região onde hoje se acha a Esplanada das Secretarias do Estado de Rondônia. Algumas pessoas subiram no hangar do aeroclube para assistir ao jogo. O entrevistado afirma ter ouvido o locutor anunciar que uma pessoa estava assistindo ao jogo e, quando o Moto Clube fez um gol, todos se levantaram para comemorar. Com tal movimento brusco parte do telhado cedeu e a pessoa caiu no chão e se machucou. Passado algum tempo, certo senhor de nome Avelino, conhecido por Baiano¹⁸, chegou na casa do Mestre, pedindo-lhe por socorro. Dizia ele ao Mestre que seu filho, então com cerca de dezoito anos, caiu do hangar, onde estava assistindo ao jogo e teve hemorragia interna. Levado ao hospital, os médicos não conseguiam estancar-lhe o sangue. O pai pediu ao Mestre que não deixasse seu filho morrer. O Mestre perguntou-lhe se ele tinha fé em Deus. Ele, em sua fraqueza, demonstrou estar em dúvida. Nesse momento, disse-lhe o Mestre: “tenha fé em mim, que eu tenho fé em Deus.” Ditas estas palavras, o Mestre ficou de pé, voltado de

¹⁵ O mestre Pernambuco foi categórico em confirmar que o Mestre trabalhou com Umbanda e que inclusive o acompanhou nesse trabalho. Tal afirmativa foi confirmada pelo mestre Carmiro. Acrescentamos que já existem pesquisas que o inserem no contexto da Umbanda. Confira, a respeito, BRISSAC, Sérgio. José Gabriel da Costa: Trajetória de um brasileiro, Mestre e Autor da União do Vegetal. Disponível em <http://members.tripod.com/bmgil/bs30.html>, consultado em 5 de novembro de 2008.

¹⁶ Neste artigo, os nomes dos entrevistados são mencionados da forma corrente, isto é, como são conhecidos no seio da UDV.

¹⁷ Esta narrativa foi por nós ouvida, também, de outros mestres da UDV em diversas ocasiões.

¹⁸ Este senhor era discípulo do Mestre. Anos depois, foi afastado da UDV, para onde não voltou mais. Ele, já de idade avançada, é testemunha viva desta narrativa.

frente para o sol, que já estava se pondo. Em voz baixa fez uma oração chamada “sangue de palavra”. Em seguida, disse para o seu Avelino que o menino estava salvo daquela situação. Naquele mesmo momento o sangue estancou e o rapaz ficou curado.

Conta-se¹⁹ ainda que o Mestre Gabriel, no final da década de 1960, estava à tarde em casa, já em Porto Velho (RO). Certo senhor entrou com sua própria filha, esta de nome Cezileuma, então com cerca de seis anos de idade. Ela se achava em convulsão, por estar sofrendo de meningite, na época conhecida como “doença de criança”. O pai implorou: “Mestre, salve minha filha!”. O Mestre tomou a menina em seus braços. E perguntou como aconteceu e o pai contou que ela começou tendo convulsão e estava com meningite.

O Mestre Gabriel pôs a menina no chão e disse-lhe: “vai com seu pai”. Ela foi. Em seguida chamou-a de volta e ela veio. Saiu andando com ela, em direção à saída para a rua. Quando chegou debaixo do batente da porta, apontou para a rua, como se tivesse lhe mostrando alguma coisa. Ela olhou, distraída. Ele a virou de cabeça para baixo e bateu a sola dos pés dela três vezes no batente superior da porta e a desvirou. Ela se assustou e começou a chorar.

Voltando-se para o pai dela, disse-lhe que pegasse gergelim preto e pisasse com azeite de oliva, com o qual deveria fazer uma pasta. Com esta pasta fizesse uma massagem no corpo dela, deixando apenas a perna esquerda, por onde a doença iria sair. Assim o pai dela fez e ela ficou curada, sendo hoje casada e mãe de família.²⁰

Ouvimos de mais de um mestre e por diversas vezes que também nos idos da década de 1960, certa pessoa conhecida por Xavier bebia o vegetal com o Mestre. Certo dia, num preparo,²¹ após beber o vegetal, ficou olhando para uma bacia que continha o líquido. Depois foi caminhando em direção à sua própria rede. Nesse momento, caiu e ficou como morto. O mestre Florêncio²² gritou: “morreu!” O Mestre superior disse: “aqui ninguém morre.” Todos se aproximaram daquele que estava no chão, sem vida. Voltou-se o Mestre superior para os presentes e perguntou: “que hora são?”. Responderam que

¹⁹ Ouvimos esta narrativa em várias sessões de escala. Reproduzimos, aqui, a narrativa feita pelo mestre Carmiro Gabriel da Costa.

²⁰ Este senhor que pediu socorro para o Mestre era discípulo dele, conhecido como mestre Joanico.

²¹ Entende-se por preparo o procedimento de colher os vegetais (mariri e chacrona) e cozinhar o chá, o que é feito em ritual religioso.

²² Florêncio Siqueira de Carvalho, já ocupou o cargo de mestre geral representante na UDV, o posto mais elevado na hierarquia, por representar o próprio Mestre.

faltavam quinze minutos para as três horas.²³ O Mestre disse: “não perguntei quanto falta e sim que horas são”. Neste momento o mestre José Luís teria dito: “são duas horas e quarenta e cinco minutos”. O Mestre fez uma chamada ainda não recordada pelos discípulos, iniciando-se pelo mote “pelas horas que são”. Quando terminou a chamada, chamou a pessoa pelo nome. O Xavier se levantou. Em seguida, devidamente recuperado, o Mestre o mandou de volta à sua rede, isto é, à rede do próprio Xavier, no que foi atendido. Lá o Xavier dormiu o resto da tarde.

A dona Eulália Castelo Maia, conselheira da UDV há anos, narra a história ocorrida com seu filho de nome Wilson Vieira da Silva. Ela, por volta dos anos de 1967 a 1968 era auxiliar de enfermagem no hospital São José, em Porto Velho e ficou desesperada, quando ficou sabendo que seu filho tinha câncer no nariz. Procurou pelo Mestre que a instruiu a mandar o menino todos os dias às seis horas da manhã para a mestra Pequenina, sua esposa, fazer curativo com o vegetal no nariz dele. E assim foi feito. O menino foi aceito para ser sócio com seis anos, sendo este o sócio de mais tenra idade na União do Vegetal. Depois de três meses como sócios o Mestre Gabriel falou na sessão de escala que o Wilson estava curado pela União do Vegetal. Este relato nos remete ao chamado “salão de curas” que existia no tempo do Mestre Gabriel e foi por ele mesmo fechado por não ter encontrado, entre seus discípulos, quem pudesse dar continuidade com os trabalhos.²⁴

Estes dados permitem-nos situar o Mestre dentro do contexto do curandeirismo amazônico, onde o curandeiro tem o poder de cura, não só com a ayahuasca, mas pelas sua sabedoria, chás, conselhos, rezas etc. No caso do Mestre, acrescenta-se que, antes de fazer uso do chá, curava com o nome de Sultão das Matas,²⁵ para o que passava dieta²⁶ composta de conselhos e indicação de plantas para se usar. Nessa condição, chegou a curar seu filho Carmiro de câncer no nariz. A narrativa de todo o procedimento empregado pelo Mestre nesse caso foi por nós ouvida em diversas sessões de escala da boca de pelo menos três mestres.

²³ Esta narrativa nos foi feita literalmente nestes termos pelo mestre João Seixas, em 1991. Depois disto, ouvimos pequenas variações de outros mestres, mas todos os relatos no mesmo sentido.

²⁴ Segundo o mestre Raimundo Carneiro Braga explicou em 2001, em sessão no Núcleo Estrela do Norte, em Porto Velho (RO), o Mestre Gabriel colocou o “salão de cura” à disposição dele, Sr. Braga, para dar continuidade. Mas ele não se sentiu em condições de dar continuidade e o Mestre teria dito: “então, o salão de cura está fechado”. Desde este dia não foram mais feitas curas no salão do vegetal.

²⁵ Uma entidade que se dedicava à cura, aos moldes das incorporações da Umbanda.

²⁶ A palavra dieta é empregada, no contexto do curandeirismo amazônico, para se referir às recomendações de procedimentos que o consultante deve fazer para receber a cura.

CONCLUSÃO

Na esteira das narrativas aqui compartilhadas, poderíamos acrescentar muitos outros acontecimentos ao Mestre atribuídos, que dão testemunho e sinalizam tratar-se de alguém especial, de um curador, de um Mestre Superior. Entretanto, entendemos serem estas suficientes para o objetivo aqui proposto, quer pelo reconhecimento do Mestre por aqueles que eram chamados de mestres de curiosidade, quer por seu reconhecimento por aqueles que presenciaram seus feitos, quer por sua aceitação por estes que, hoje, o reconhecem como tal em virtude do que dele se ouviu dizer.

Verifica-se, do exposto, que o Mestre curou "com o vegetal", como foi o caso da mencionada cura do Wilson. A eficácia terapêutica vem, sem dúvida, do poder da cura presente no Mestre e não necessariamente do "princípio ativo" da planta, o que também não fica descartado. Mas, o fato de ele ter curado, em alguns casos, apenas "com palavras", pode indicar que se utilizou do poder simbólico da palavra para curar.

Pelo exposto, pode-se concluir que o poder de cura estava no Mestre, que em alguns casos utilizou o vegetal e, em outros, simples palavras. Quer pelas curas que realizou, quer pelas palavras que pronunciou, quer pela maneira como se comportou, foi ele reconhecido pelos seus discípulos como Mestre Superior.

Assim, entendemos que ele foi reconhecido como Mestre superior pelos discípulos porque, por um lado, no entender deles, demonstrou ter domínio do vegetal; por outro lado porque, também no entender deles, podia curar e, por último porque, segundo o que foi percebido pelos discípulos, é detentor de um conhecimento que vai além do conhecimento dos próprios discípulos, em especial no aspecto por eles considerados espiritual.

Observa-se, por fim, que, embora a literatura sobre a UDV e boa parte dos relatos comuns nas sessões de escala não enfatizam, o Mestre Gabriel era conhecido e foi procurado por realizar curas. As curas que realizou provavelmente desempenharam um papel importante no seu carisma, o que provavelmente influenciou a construção da figura do Mestre Superior pelos seus discípulos. Ou ainda, em outras palavras, os relatos citados no seio do grupo fazem parte da sua simbologia, que atribui o "status" de mestre Superior ao Mestre Gabriel.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Afrânio Patrocínio de. **O Fenômeno do Chá e a Religiosidade Cabocla. Um estudo centrado na União do Vegetal.** São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1995, disponível em http://www.neip.info/downloads/afranio/afranio_01.pdf.

BRISSAC, Sérgio. **José Gabriel da Costa: Trajetória de um brasileiro, Mestre e Autor da União do Vegetal.** Disponível em <http://members.tripod.com/bmgil/bs30.html>, consultado em 5 de novembro de 2008.

FABIANO, Rui (Editor). Mestre Manoel e as raízes da União. In: **Alto Falante**. Brasília, Centro de Memória e Documentação, novembro/dezembro/94-janeiro/95.

LABATE, Beatriz Caiuby et alii. **Religiões Ayahuasqueiras: um balanço bibliográfico.** Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, 2008.

RICCIARDI, Gabriela Santos. **O Uso da Ayahuasca e a experiência de Transformação, Alívio e Cura na União do Vegetal (UDV).** Disponível em: http://www.giesp.ffch.ufba.br/pesquisadores/gabriela/gabriela_afim.pdf.

União do Vegetal. Hoasca: ciência e saúde. Disponível em: <http://www.udv.org.br/portugues/texto/udv-versao-texto.doc>, em sintonia com o Regimento Interno.

Entrevistas com as seguintes pessoas:

- a) mestre Pernambuco, em 27 de fevereiro de 1991, em Porto Velho (RO);
- b) mestre José Rodrigues Sobrinho, em primeiro de maio de 1998, na cidade de Ji-Paraná (RO) e 21 de setembro de 1999, quando nos dirigimos até a cidade de Jaru (RO). Aí estando, visitamos o local onde, segundo ele, o Mestre foi ao seu encontro. Em seguida, entrevista no local onde ele próprio foi preso, na beira de um riacho chamado de Rio das Garças;
- c) mestre Carmiro Gabriel da Costa, coleta de depoimentos em sessão e entrevista em 2008, em Porto Velho (RO);
- d) Getúlio Gabriel da Costa, entrevista no dia 3 de novembro de 2007 e 20 de agosto de 2008, em Porto Velho (RO);
- e) Sr. Dezuite, entrevista no dia 21 de novembro de 2007, em Porto Velho (RO);
- f) senhora Maria Bacurau (ex-esposa do mestre Bacurau), entrevista em 10 de maio de 1998 e em 13 de junho de 2001, em Ji-Paraná (RO) e em Porto Velho (RO), respectivamente;
- g) mestre João Seixas, entrevista em 18 de outubro de 1987, 13 de agosto de 1989, 3 de março, 11 de agosto e 27 de setembro de 1991, todos em Porto Velho (RO); e
- h) conselheira Eulália Castelo Maia, entrevista no dia 14 de setembro de 2008, em Porto Velho (RO).